

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

EDUCATION ETHICS AS FOUNDATION OF ECOLOGICAL SUSTAINABILITY

EDUCACIÓN ÉTICA COMO FUNDAMENTO DE LA SOSTENIBILIDAD ECOLÓGICA

Gelson João Tesser

Professor de filosofia da educação da UFPR.

Alvino Moser

Professor do Programa de Mestrado em Educação e Novas Tecnologias do Centro
Universitário Internacional Uninter.

RESUMO

Neste estudo procuramos apresentar algumas considerações sobre a necessidade de se insistir na educação ética ou moral para que todos assumam a responsabilidade a fim de que esta preservação ocorra. Faremos algumas ponderações em duas seções: primeiro trataremos da relação entre ética e natureza, lembrando as ponderações de Habermas, Karl Otto Apel, de Lipovetsky. Em seguida teceremos considerações sobre a educação ética baseando-nos, principalmente em Hans Jonas, Rorty e Jean-Paul-Sartre.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Natureza; Sustentabilidade.

ABSTRACT

In this study we seek to present some considerations about the need to insist about the ethical or moral education so that everyone take responsibility so that this preservation to occur. We will do some weightings in two sections: first, we will deal with the relationship between ethics and nature, remembering the weightings of Habermas, Karl Otto Apel, Lipovetsky. Subsequently we will make considerations for ethics education based mainly in Hans Jonas, Rorty and Jean-Paul-Sartre.

KEYWORDS: Ethics; Nature; Sustainability.

RESUMEN

En este estudio pretendemos presentar algunas consideraciones sobre la necesidad de insistir en la educación ética o moral para que todas las personas tomen responsabilidad con el fin de que esta preservación ocurra. Haremos algunas reflexiones en dos momentos: En primer lugar trataremos la relación entre la ética y la naturaleza, recordando la teoría de Habermas, Karl Otto Apel, Lipovetsky. A continuación haremos consideraciones sobre la educación ética con base en Hans Jonas, Rorty y Jean-Paul Sartre.

PALABRAS-CLAVE: Ética; Naturaleza; Sostenibilidad.

INTRODUÇÃO

Muito se escreve sobre a sustentabilidade ecológica, preservação do meio ambiente para preservação tanto do planeta como da qualidade de vida. Evocam-se estatísticas sobre a perda de água, sobre a deterioração dos mananciais, da não apenas possível como da provável falta de recursos necessários à sobrevivência dos homens num futuro próximo. Considerações não apenas proféticas ou apocalípticas, mas baseadas em dados positivos e pesquisas estatísticas.

Considera-se que estas evocações científicas seriam suficientes para basear acordos internacionais para minorar estes males ou mesmo previstos cataclismos. Há quem possa estimar que a insistência na educação para a sustentabilidade não passe de atitude romântica. Contudo, de nosso ponto de vista todas as ações e todos os acordos em vista à sustentabilidade devem necessariamente estar fundamentadas na ética, pois esta exige a responsabilidade e a auto imputabilidade.

Apresentamos a seguir as considerações em duas seções: ética e natureza e educação ética para a sustentabilidade ecológica.

ÉTICA E NATUREZA HUMANA.

A situação do homem hoje é um problema ético para o homem (Karl-Otto Apel). A atual situação de crise da humanidade e a situação do homem enquanto tais, em face do perigo comum, são desafiados a assumir coletivamente a responsabilidade moral. O político e o cidadão politicamente responsável deverão tomar ciência do agir ético. “O esboço da evolução humana com o meio ambiente e com o mundo do próximo, desde a origem do homem até a crise ecológica”

A ética como parte da filosofia estuda o mundo dos valores morais e os princípios ideais de conduta humana, do agir humano, do comportamento e do exercício da vida em geral, estuda também em decorrência a axiologia e a norma. Agir por princípios racionais universalmente válidos. O desafio de construir um mundo justo, “vida boa” integradamente (homem, sociedade, mundo, natureza), está posto

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

nas reflexões éticas na história da humanidade. André Comte-Sponville (1999), na obra “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, diz que não há bem em si, está para ser feito o que chamamos de virtudes. O que é a virtude? “A virtude é uma força que age, ou que pode agir. A virtude de um ser é o que constitui seu valor, sua excelência própria”

A natureza em si é um conjunto de leis que presidem a existência das coisas e dos seres. Trata-se da gênese da condição própria de um ser, ou de uma coisa, esse conjunto organizado de processos que se manifesta no plano físico e deontológico na constituição do ente, enquanto “ato e potência” (Aristóteles), própria de cada ser, tendo como fim o desenvolvimento, o bem, a felicidade da espécie e da vida em geral, que precisam ser constantemente recriadas e repensadas contextualmente. Cabe a cada nova geração proporcionar, construir, realizar, fazer, um mundo mais justo, solidário e humano para todos.

Ao deparar-se com a natureza e com a vida, o homem reflete sobre si mesmo e sobre o outro e o mundo. Wilhelm Dilthey (2014), em “A Essência da Filosofia” a define como a ciência da experiência interior, compreendendo o entendimento sobre a condução da vida ou a ciência dos valores vitais universalmente válidos. Pensar é estabelecer o nexos com a vida, com a realidade, com o mundo e a natureza. Na consciência está a possibilidade de apreender o mundo.

A filosofia está estabelecida na estrutura do homem, cada um, não importa em que posição ele se encontre, está compreendido em alguma aproximação em relação a ela, e toda e qualquer realização humana tende a alcançar a meditação filosófica.

O conhecimento de si e do mundo, a experiência da vida e o agir humano configuram a natureza pensante da humanidade sobre o desenvolvimento autônomo responsável. As ciências humanas têm a tarefa de conscientizar e educar o homem para a cidadania.

A filosofia tem por mira um duplo alvo mencionado por Jean Piaget (1969) que seria: 1- coordenação e unificação de valores morais 2- e o desenvolvimento do conhecimento integral particulares ou científicos.

Quando um adolescente aborda a filosofia, ele está em geral motivado de forma dominante pela necessidade de coordenação de valores: conciliar a fé e a ciência ou a razão”.

Doravante, urge desenvolver o conhecimento numa perspectiva de responsabilidade e sustentabilidade, pois a vida está em jogo. Pensar a natureza, é pensar o homem, é pensar a vida, com assimilação equilíbrio e regras entre o todo e as partes em uma estrutura organizada.

Filosofar é uma questão ética, uma orientação política, deliberações livres da repressão. A ética consiste em praticar atos concretos de emancipação, cidadania, civilidade, humanização, racionalidade, responsabilidade, sustentabilidade, fazer o bem, atos de virtude, justos, em todas as esferas, dimensões da vida. O “*homo-faber*” das construções, invenções e dispositivos da técnica tem o poder de construir, destruir, dominar a natureza. Na ética das relações humanas com o meio-ambiente, o “*homo sapiens*” depara-se com a razão de que ele é integração de mundo. Preocupar-se com a natureza é preocupar-se com o próprio homem. Destruir a natureza é destruir o próprio homem. Conhecer a si mesmo é conhecer o mundo. O homem é um “*ser-no-mundo*” - Sartre¹, consciência reflexiva, cogito. Pensar fenomenologicamente consiste numa tomada de consciência que nos coloca frente a coisa, a “*natureza*”, o “*outro*” que está aí para ser pensado, percebido, considerado e respeitado.

O sujeito é produto, ao mesmo tempo, dos saberes, dos poderes e da ética. A filosofia é a conselheira da existência. Michel Foucault (2004) atribui um papel a todo ser humano de cuidar o mundo.

¹ SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

O cuidado de si implica certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. A atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo.

Cuidar da vida e respeitá-la integralmente constitui-se em uma questão ética, a fórmula para uma vida sustentável e responsável. Quem pensa, ama e cuida.

As intuições morais estão sempre implícitas acerca das melhores formas de nos comportamos para que possamos reagir mediante a deferência e a consideração à vulnerabilidade da natureza e da vida. Habermas (2004), considera que o nosso mundo da vida é constituído, em certo sentido, de “forma aristotélica”. No dia a dia, distinguimos sem grandes reflexões: a natureza inorgânica da orgânica, as plantas dos animais, e natureza animal, por seu turno, daquela racional e social do homem. Ele chama de “morais as questões relativas à convivência baseada em normas justas”. Compartilhada linguisticamente, intersubjetivamente por todas as pessoas morais. O homem é ação, racionalidade e comunicação.

Os sujeitos dotados da capacidade de linguagem e de ação só se constituem, como indivíduos, na medida em que, enquanto elementos de determinada comunidade crescem num universo partilhado intersubjetivamente.

A humanidade inteira é responsável pelo zelo e cuidado da vida global no sentido da emancipação da maioria humana.

Na perspectiva proposta por Habermas (2004), umas éticas “comunicativas” ou “discursivas” são postas ou esboçadas questões normativas de justiça, questões da “vida boa”, reciprocidade e igualdade dos direitos e do respeito dos seres humanos como pessoas, bem como consideração pela vida em geral, tendo como interesse, universalmente comunicativo, a licitude, a emancipação, os atos de fala compromissários na produção de conhecimento racionais do mundo da vida.

O homem é ser pensante, ético, consciente da necessidade de uma orientação normativa de uma prática com o futuro e, por conseguinte também da reconstrução crítica da história abordada por Karl-Otto Apel, em “Ética e Responsabilidade”, da

comunidade de comunicação ideal, como fundamentação filosófica da racionalidade comunicativa, de organizar a responsabilidade da humanidade pelas consequências do seu agir numa escala planetária. Na obra “Estudos de Moral Moderna”, está posto o desafio para o homem contemporâneo. “Quem realmente pensa concretamente e radicalmente, deve estar preparado para fundamentar o seu engajamento social, em cada situação, por meio de uma ética filosófica”.

O que constitui a essência da natureza humana é a sua capacidade racional de interação e comunicação com seus semelhantes, e de assumir um papel de responsabilidade com o desenvolvimento sustentável, racional, ético, moral, político. O homem deve ser educado para viver em harmonia-equilíbrio com a natureza. Segundo Aristóteles (1991):

a razão e o intelecto são a principal e derradeira parte onde se manifesta a obra da natureza. Cumpre, portanto, subordinar-lhes a obra da geração humana e formação dos costumes.

O homem é responsável por seu agir, pela prática das boas ações, pelos atos justos que sempre terão consequências para as futuras gerações. Nesta perspectiva o homem é um ser virtuoso e, por virtude, entende-se um modo de ser e de viver, é a hominização, ou seja, o agir humano responsável. A virtude é a disposição do homem de fazer deliberadamente o bem como destino no mundo, evitando o mal maior, a curta, média e a longa duração.

O que é “vida correta”? O que o homem faz com o tempo de sua vida? O que nós devemos fazer? O que significa ser ético? Passamos parte de nossa vida julgando os atos de interesse de cada um, e igualmente bom para todos. Segundo Jürgen Habermas (2004), “enquanto seres históricos e sociais, encontramos-nos desde sempre num mundo estruturado linguisticamente. Já nas formas de comunicação, por meio das quais nos entendemos uns com os outros sobre os acontecimentos do mundo e sobre nós mesmos” Questões não faltam para pensar, refletir e para diagnosticar a realidade. Que mundos estão construindo? Para onde vai a humanidade? O que estamos fazendo com a natureza? Que valores são difundidos na atualidade? Que legado estamos construindo para as novas gerações? E se o futuro

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

se mostrar pior do que o passado? Quais as correlações entre o consumo e a decepção? Que educação estamos proporcionando?

O ser humano na medida em que adquire consciência filosófica, e ética de seus atos, sente a necessidade e a responsabilidade de cuidar de si e do outro, da educação de seus filhos, conseqüentemente da natureza. “As novas tecnologias nos impingem um discurso sobre a correta compreensão da forma de vida cultural enquanto tal.

O homem tem nas mãos o poder de destruir, construir e de melhorar o mundo. O que é correto? A natureza, a vida humana em suas diversas formas exige respeito e dignidade.

Gilles Lipovetsky (2005) em sua obra: “A Sociedade Pós-Moralista” apresenta um conjunto de posições e reflexões sobre os valores e a responsabilidade para com a nossa época, a emergência de uma cultura, a educação acerca do “bem-estar” e das obrigações de todos os seres humanos para com a natureza, de mais lucidez e responsabilidade prática na construção de um mundo justo. Em plena “era do consumo” as pessoas são induzidas a ter uma vida imediatista, egoísta e descartável.

A fruição do momento presente, o culto de si próprio, a exaltação do corpo e do conforto passaram a ser a nova Jerusalém dos tempos pós-moralistas”.

A produção e o consumo desenfreado acarretam conseqüências devastadoras para todos: sistema, mundo, homem e natureza. Nesse contexto é necessário o gerenciamento e ética da responsabilidade.

EDUCAÇÃO ÉTICA E RESPONSABILIDADE PARA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA.

Cabe à educação propagar a responsabilidade da valorização da vida, num contexto participativo, comunicativo e intersubjetivo.

Não é a determinação impositiva que inspira o impulso atual da ética, mas sim a cultura *psi*, isto é, a importância que se passou a atribuir aos valores comunicáveis nos fenômenos de coesão coletiva ou de implicação individual.

Discutir de modo sério a questão da crise da humanidade é a proposição da filosofia em o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. É próprio da natureza humana: LIPOVETSKY (2007, p.52)

Conhecer, aprender, criar, inventar, progredir, ganhar autoestima, supera a si mesmo: tantas são as obrigações e os ideais que os bens consideráveis não podem satisfazer. O homem não é só um ser que só adquire bens; é também um ser que pensa que cria que luta que constrói.

A saída para muitas das questões da crise da humanidade está na própria educação do homem. Esse é o maior dos investimentos e o legado para as futuras gerações, para se ter um mundo sustentável. Ao se tratar da sustentabilidade ecológica entende-se fazer uso dos recursos naturais para minimizar ou suprimir danos aos sistemas ecológicos fundamentais para a permanência da vida no planeta. Ora, para que haja essa sustentabilidade é necessária a educação ética ou para a ética ou moral, pois elas impõem responsabilidade para que a pessoa tome para si a obrigação de manter a permanência da vida e de sua qualidade, ameaçadas pelo uso irresponsável dos recursos naturais e pelas produções técnicas e industriais.

É, por conseguinte, imprescindível que a humanidade e as pessoas individualmente se conscientizem desta necessidade e façam o possível para evitar os desastres e as catástrofes que se originam de suas próprias ações. Tal conscientização ocorrerá se houver educação ética adequada. A educação é algo que ocorre em primeira pessoa. Ninguém educa ninguém, pois a pessoa se auto educa.

Do mesmo modo que a ética ou moral requerem que o dever ou a obrigação que é o limite ao poder ser e fazer e, tem como fulcro a autoimposição e auto imputabilidade. Na ética o eu é o legislador, o acusador, a testemunha, o juiz e o carrasco, é o que ocorre na esfera da subjetividade. Portanto, ser ético significa ser

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

um sujeito que se impõe às obrigações e os limites à sua ação e, é o responsável por seus atos.

Conforme a definição de pessoa dada por Boécio: “*persona est substantia individua rationalis naturae*”², isto é: Substância individual de natureza racional, ao qual se acresce *sui jure*, isto é, em justiça (**sui juris**), como possuidora de sua natureza e de todos os seus atos, como sujeito fundamental de todos os seus atributos³ E para que o sujeito se sinta responsável precisa ter consciência das consequências dos seus atos em relação a si mesmo, aos outros, ao meio. Logo em relação a tudo o que diz respeito à ecologia.

A ação ética e o comportamento moral situam-se no entorno e confluência do EU-COM-O-OUTRO-NO-MUNDO, como centro ou fulcro. O EU como agente da ação, implica a liberdade e a responsabilidade implicadas pela consciência do dever moral. As relações com o OUTRO envolvem ou implicam as consequências que o atingem, assim como as ações do Eu enquadradas por leis e instituições e outras instâncias jurídico-sociais. Ou como o afirma Sartre, ao dizer que o é responsável por si, por sua existência, significa também que é responsável por todos os homens,

pois nossa responsabilidade é muito maior do que julgamos, pois ela engaja toda a humanidade,... por outras palavras, escolhendo-me, escolho o homem⁴, isto é envolvemos o MUNDO e toda a humanidade.

O que significa que, se quero viver bem, se faz escolhas para isso, estou querendo o bem de todos. Nesse bem está sem dúvida a vida e as condições de permanência desta, e da permanência boa. Não se pode deixar de fazer um paralelo

² BOÉCIO. *Liber de persona et duabus naturis*. ML, LXIV, 1343. Cf. AQUINO, Tomás de. *Summa Theologiae*, I, q. 29, at.1.

³ No escopo destas considerações não fazemos a distinção weberiana entre ética da convicção e ética da responsabilidade. O conceito de pessoa por n’ s definido implica tanto a esfera individual e subjetiva, com a esfera das consequências das suas ações e decisões.

⁴ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/1/4529/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf, p.5.

com Kant: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”⁵.

A questão da responsabilidade pode ser visualizada no esquema abaixo



Fonte: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10valeticos.htm>

Portanto, a conscientização ética opõe-se que se imponham obrigações ou deveres, pois a imposição e a devida sanção cabe à esfera jurídica. A moral requer opção livre, espontânea. Pode-se conseguir que os indivíduos se conscientizem e agirem auto impositivamente e saibam as consequências da autoimposição apenas por meio do autoconvencimento que se restringe à esfera individual e subjetiva.

Mas como se vai conseguir esta conscientização pela educação?

⁵ KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores, p. 129.

EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA

Vem, à tona, a pergunta do Menon: *Podemos ensinar a virtude, ou ensinar alguém a ser virtuoso?*⁶ E sabemos a resposta de Sócrates de que a virtude não é ciência, logo não pode ser ensinada, como aparece nas páginas finais do diálogo.

Uma das maneiras de se conseguir convencer alguém a ser ético, no sentido preconizado por Habermas, Karl Otto Apel e Lipovetsky é aplicar o que Richard Rorty, na esteira de Habermas, mas de uma perspectiva diferente, propõe como meio para se conseguir o consenso entre as partes que estão em conflito. É preciso que haja discussão entre as partes, respeitando a autonomia e a liberdade dos envolvidos sem coação, por meio de argumentos adequados. As discussões param apenas quando as pessoas entram em acordo.

O conhecimento não está acima da conversação (do diálogo, observação nossa), e nunca é legítimo terminar um debate, quer se trate da autoridade de um fato dito “objetivo” ou uma revelação dita “transcendente”. As discussões podem ser unicamente fechadas legitimamente apenas se os interlocutores estiveram de acordo sobre as razões (que também são enunciados) de fechá-las, ao menos provisoriamente⁷.

No tema que nos ocupa, trata-se do diálogo entre o aluno e o educador.

O convencimento é algo subjetivo que não se consegue pela “ciência”, Menon (2001), mas por algo que realmente sensibilize a pessoa. Rorty (2005) insiste que, ao contrário de Habermas, não se apoia sobre a noção de verdade, pois a racionalidade é impraticável no entendimento mútuo. Nessa perspectiva, salienta que o importante não é a verdade, e sim as justificações que tornam os conceitos desejáveis. A racionalidade, para o autor, não se afirma como verdade, mas como virtude para pensar e agir, com persuasão e tolerância, dentro do imprevisto.

Assim considerando, Rorty apresenta exemplos reais de como o romance pode provocar alterações positivas de comportamento: Considere-se o exemplo da atração emocional entre pessoas de sexos

⁶ PLATÃO. Menon. São Paulo: Loyola, 2001. 82a - 87d, p. 53 - 69.

⁷ HOTTOIS, Gilbert. op. cit. p. 418.e RORTY, Richard. Science et solidarité. Paris: Éclat, 1990. p. 50e ss.

e culturas diferentes. Se você quer quebrar a xenofobia, um modo prático de fazê-lo é estimular essa atração emocional, tornando o casamento Inter étnico algo fácil e legítimo. Se você não puder, de início, conseguir que aquelas pessoas próximas a você se casem com aqueles estranhos, você pode ao menos contar histórias a respeito destes, histórias em que a imaginação substitui as relações físicas reais [...] Foi esse o papel de romances reformistas como *A cabana do Pai Tomás*. Os norte-americanos brancos, em meados do século XIX, não queriam casar com norte-americanos negros. Mas estavam, por sentimentos humanitários, pelo menos inclinados a ler romances sobre eles. Depois de lerem o livro de Stowe, a sugestão de que “talvez os negros sejam bem parecidos conosco” tornou-se ligeiramente mais aceitável⁸.

Em especial, tais livros mostram de que modo as nossas tentativas no sentido da autonomia, as nossas obsessões privadas pela realização de um determinado tipo de perfeição nos podem tornar cegos relativamente à dor e à humilhação que causamos. São esses os livros que dramatizam o conflito entre deveres para com o eu e deveres para com os outros⁹.

Do mesmo modo Hans Jonas ao formular o princípio de responsabilidade a seguir: “Age de tal forma que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a terra”¹⁰

Faz eco ao que Sartre escreveu no final da década de 1940: o homem ao ser responsável por sua existência é, ao mesmo tempo, *ipso facto*, responsável por todos os homens

O enorme impacto do Princípio Responsabilidade não se deve somente a sua fundamentação filosófica, mas ao sentimento geral, que até então os mais atentos observadores poderão permitir cada vez menos de que algo poderia ir mal para a humanidade, inclusive o tempo poderia estar em posição no marco de crescimento exagerado e crescente das interferências técnicas sobre a natureza, de pôr em jogo a própria existência. Entretanto, se havia comentado que era evidente a vinda da chuva ácida, o efeito estufa, a poluição dos rios e muitos outros efeitos perigosos, fomos pegos de cheio na destruição de nossa biosfera¹¹

⁸ RORTY, Richard. Para emancipar a nossa cultura. In: SOUZA, José Crisóstomo de (org.). *Filosofia, racionalidade e democracia: os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 93.

⁹ RORTY, r. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994, p.180

¹⁰ JONAS, Hans. *El principio de resposabilidad: ensayo de una ética para la civilizacion tecnológica*. Barcelona: Herder, 1995, p. 40.

¹¹ JONAS, Hans. *Idem*, p.352-353.

CONCLUSÃO

Sem dúvida, nos momentos atuais, os que tratam do meio ambiente e da sustentabilidade ecológica estão cientes de que a situação deplorável em que se encontra o planeta não é apenas fruto de imaginações pessimistas ou de profetas das calamidades. O perigo está às portas, agora mais que no momento em que Hans Jonas escreveu sua obra, em 1979. Então, ciente dos relatórios mundiais sobre o clima e o aquecimento global, como o de Roma e outros, ele propunha como base do princípio da responsabilidade, a heurística do medo. Podemos empregar a metáfora, corremos o risco de cortar o galho em que estamos pousados.

O grande problema está, segundo nossa perspectiva, que geralmente se considera a ética e a moral como sendo exclusivamente da esfera subjetiva. Contudo como mostram Sartre e Heidegger, somos seres-com-o-outro-no-mundo, ou, no dizer de Albert Camus: “Somos todos parte da mesma sopa”¹². As minhas escolhas como homem tem uma ressonância universal, a escolha do eu como homem, envolve a escolha de todos dos homens.

A filosofia tem em vista a universalidade que visa o homem em sua globalidade, não apenas na sua natureza metafísica, como ser abstrato, na ansiedade, mas como ente, um DA-SEIN (em francês: *être-là*, isto é, ser ali, jogado), que engloba seu ser e seu existir, o mundo. O mundo não é apenas palco do desdobrar de sua existência, mas como constituinte do seu próprio ser, e o mundo como constituído pelo próprio homem. O homem não vive no mundo como um mineral, mas sim com um ser que nele habita e que o modela segundo suas escolhas. E ao se introduzir as escolhas descortina-se o campo da ética ou da moral.

Preocupar-se com a natureza é preocupar-se com o próprio homem. Destruir a natureza é destruir o próprio homem. Conhecer a si mesmo é conhecer o mundo. E ao se assumir como “ser-no-mundo”, *ipso facto* toma-se a si a responsabilidade por sua casa, seu *oikos* (casa), responsável pelo seu bom e bem viver e, guardião da ecologia que lhe dá sustento e lhe oferece o espaço e horizonte para suas decisões e

¹² CAMUS, Albert. .Paris: Gallimard, 1947.

seu ex-istir¹³ Somo guardas de nós mesmos, do outro e do MUNDO. Cada uma de nossas ações envolve e compromete toda a humanidade, o que os individualismos e os egocêntricos tentam nos fazer esquecer.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BOÉCIO. Liber de persona et duabus naturis. ML, LXIV, 1343. Cf. AQUINO, Tomás de. Summa Theologiae, I, q. 29, at.1.

CAMUS, Albert. Paris: Gallimard, 1947.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DILTHEY, Wilhelm. **A Construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **A Essência da Filosofia**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Comentários à Ética Do Discurso**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

HOTTOIS, Gilbert. De la Renaissance à la Post modernité,. Une histoire de philosophie contemporaine. Paris, Bruxelles: De Boeck Université, 1997.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)

KARL-OTTO APEL. **Ética e Responsabilidade: O problema da passagem para a moral pós-convencional**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sociedade Pós-Moralista: o crepúsculo do dever e a ética dos tempos democráticos**. Barueri-SP: Manole, 2005.

¹³ ex-istir - de maneira rústica no entender dos autores deste artigo - ex: para fora; sistir: consistência, o ser se desdobra de maneira que ele possa ocupar um lugar no espaço.

*EDUCAÇÃO ÉTICA COMO FUNDAMENTO DA SUSTENTABILIDADE
ECOLÓGICA*

_____. **A Sociedade da Decepção**. Barueri-SP: Manole, 2007.

PIAGET, Jean. **Sabedoria e Ilusões da filosofia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

LATÃO, Menon. São Paulo: Loyola, 2001.

RORTY, r. Contingência, ironia e solidariedade. Tradução Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994

RORTY, Richard. Para emancipar a nossa cultura. In: SOUZA, José Crisóstomo de (org.). *Filosofia, racionalidade e democracia: os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo.

http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/4529/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf